

# Olhos nos olhos...

«Se vos não fizerdes como crianças, não entrareis no Reino dos Ceus!»

Esta frase, tão profundamente misteriosa, foi lançada, um dia, aos ouvidos atônitos dos seus discípulos, pela palavra ardente de Jesus Cristo.

Mais tarde, o mesmo «sedutor», como lhe chamaram os fariseus, lançava à incredulidade teimosa dum simpático rabino, o incrível desafio: «se não voltas a nascer, não poderás ter parte no Reino».

Por sua vez, o fogoso Apóstolo dos Gentios, esse mágico da oratória que se chamou S. Paulo, seguindo as pegadas do seu Mestre, repetia as nascentes cristandades: «Revesti-vos do homem novo».

Voltar a nascer, assumir uma nova humanidade, fazer-se outra vez criança são palavras sem sentido, ou então, um repto aliciante à mais completa revolução da vida. E era de facto a revolução que se ateava sobre a terra...

Quem não viu e se remirou nos olhos das criancinhas? Quem se não sentiu preso pela transparência daquele olhar, mais límpido do que o cristal?

Nós todos, quando fomos pequeninos, também tínhamos um olhar assim, também tivemos olhos transparentes, tão puros e ingénuos como gota de orvalho nas claras manhãs de Abril.

Depois...

Depois, o nosso olhar turvou-se. Perdeu a transparência. Fizemo-nos «homens», e ninguém mais pôde ver, através do nosso olhar, a clareza das nossas almas. Desceu sobre nós a neblina da vida, nevoeiro artificial que ocultou aos outros o nosso próprio ser. E ainda reciosos de algum olhar mais agudo, escondemos os mesmos olhos, voltando-os para o lado ou para o chão. Já não sabemos—ou não queremos—falar assim, olhos nos olhos, para que nada se possa ler na transparência do olhar.

Aprendemos até as malas-artes de ter sempre os olhos turvos para ninguém descobrir as nossas intenções, nem o que se oculta tanta vez de traição por detrás dos nossos beijos. Uns aos outros passamos a mostrar somente a cara, ocultando, «camuflando» e blindando mais e mais o coração. E a arte de bem viver passou a ensinar-nos a ser «diplomatas», habilidosos, medindo e pesando palavra por palavra, para ocultar, enganar, seduzir.

E assim a vida se foi tornando de cada vez mais torva, opaca, impenetrável, dura!

Desde que perdemos a limpidez do olhar, ficou-nos, por companhia, a desconfiança. Pelo que nós mesmos somos, não podemos acreditar na sinceridade dos outros. Em tudo descobrimos a malícia. E para coonestar o nosso procedimento, a toda esta artimanha, a toda esta cobardia, a toda esta mentira social, começamos a chamar pelo pomposo nome de prudência. A prudência, que é a virtude dos fortes, dos espíritos criadores, que não elevam castelos na areia, mas assentam sobre a rocha os seus planos de acção e de trabalho, essa virtude dos homens sinceros, tornamo-la nós sinónimo de desconfiança, para que a nossa miséria seja virtude!

Com os olhos turbados, bem olhamos uns para os outros, mas afinal não vemos quase nada. Apagando esta luz divina, vivemos num mundo de semi-cegos, que andam na vida às apalpadelas, abrindo a cabeça pelas esquinas, tropeçando nas pedras dos caminhos, tateando receosos passos, lutando pelos bons lugares donde repelimos brutalmente os outros, para ficarmos sózinhos a gozar da vida, se possível for. Num mundo assim, sem a luz da vida que Deus colocara em nossos olhos de crianças, que admira não encontrarmos a tranquilidade, o equilíbrio e a paz?!

Mas... se nós clareássemos outra vez o olhar?

Se voltássemos à limpidez da nossa infância, mostrando uns aos outros quanto vai em nossas almas? Se varressemos dos nossos olhos a nevoa turva que os envolve, e nos fizéssemos de novo olhos transparentes e ingénuos, como o dessas criancinhas, que são todo o nosso enleio?

Então chamaríamos pela Paz e a encontraríamos. Então não haveria na terra a desconfiança, a inveja, a traição, o ódio, a diplomacia habilidosa e falsa, a mentira, a avareza, o orgulho, a escuridão.

«Se o teu olhar é límpido, todo o teu corpo brilhará», disse também o Cristo. Se não perdéssemos o brilho dos nossos olhos, tudo em nós seria luz, não andariamos nas trevas, nem as trevas nos devorariam, na sua viagem de dor e de morte.

A palavra do Evangelho, prometendo a vida eterna somente àqueles que se fazem outra vez crianças, somente àqueles que procuram manter a vida inteira a limpidez do olhar, é um convite arrojado mas sedutor

© todos os direitos reservados

à lealdade, à sinceridade, ao espírito de confiança e de fidelidade à palavra dada, um convite à Verdade em tudo e por tudo.

«A Verdade libertar-vos-á!»

No mundo intranquilo dos nossos dias, vale bem a pena pegar nas páginas do Evangelho e gritar bem alto aos homens que governam o mundo, que em vão buscarão a paz, se não a forem procurar na luz clara dos olhos dos pequeninos.

Poderíamos até, decalcando as palavras criadoras de Jesus Cristo, ensinar-lhes que, se não se fizerem como as criancinhas, não serão capazes de construir a paz.

Queridos leitores! Que seria do mundo, se não brilhasse nele essa luz dos nossos olhos, que são os olhos dos pequeninos? Remirai-vos bem, muito bem neles, antes de saídes cada dia de vossa casa para a luta da vida! E aprendei das criancinhas a transparência do olhar. E dizet-me depois, se, apesar de tudo, dos dissabores, das decepções, dos ludibrios, não vale mais a pena, clarear esses olhos, que a mentira desta vida nos turvou.

Olhos nos olhos, já nos poderemos dar as mãos uns aos outros, e, assim, construir a paz entre as nações, entre as classes e entre nós mesmos.

ABEL VARZIM